

DONS E PROFETAS DO REINO: OS BISPOS DO NORDESTE E O PACTO DAS CATACUMBAS

GIFTS AND PROPHETS OF THE KINGDOM: THE BISHOP OF THE NORTHEASTERN AND THE PACT OF THE CATACOMBS

*Fábio Pereira Feitosa**

Resumo: O Vaticano II é sem dúvidas o mais importante evento da história recente do Cristianismo. Nele estavam presentes Bispos e peritos de todo o mundo. Além destes também havia observadores, igualmente originários de diferentes partes do globo, inclusive de outras religiões. Após três anos de intensos trabalhos, o Vaticano II ofereceu à Igreja e ao mundo importantes diretrizes que podem ser vistas como determinantes para a atualização desta instituição e para a legitimação de tendências já existentes em seu interior. Todavia, neste trabalho não buscaremos analisar o Concílio Ecumênico Vaticano II como um todo, iremos nos deter a pensar o Pacto das Catacumbas, documento assinado por Bispos do mundo inteiro no dia 16 de novembro de 1965, como um importante elemento que influenciou diretamente o pastoreio de cinco dos seus signatários que atuaram no Nordeste: Dom Helder Pessoa Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife; Dom Antônio Batista Fragoso, Bispo de Crateús; Dom Luiz Gonzaga Fernandes, Bispo de Campina Grande; Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho, Bispo de Afogados da Ingazeira; Dom José Maria Pires, Arcebispo de João Pessoa.

Palavras-chave: Concílio Ecumênico Vaticano II. Pacto das Catacumbas. Bispos do Nordeste.

Abstract: Vatican II is undoubtedly the most important event in the recent history of Christianity. Bishops and experts from all over the world were present. In addition to these, there were also observers, also from different parts of the world, including from other religions. After three years of intense work, Vatican II offered the Church and the world important guidelines that can be seen as decisive for the updating of this institution and for the legitimization of trends already existing within it. However, in this work we will not seek to analyze the Second Vatican Ecumenical Council as a whole, but will focus on the Pact of the Catacombs, a document signed by Bishops from all over the world on November 16, 1965, as an important element that directly influenced the pastoring of five of its signatories who worked in the Northeast: Dom Helder Pessoa Câmara, Archbishop of Olinda and Recife; Dom Antônio Batista Fragoso, Bishop of Crateús; Dom Luiz Gonzaga Fernandes, Bishop of Campina Grande; Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho, Bishop of Afogados da Ingazeira; Dom José Maria Pires, Archbishop of João Pessoa.

Keywords: Second Vatican Ecumenical Council. Pact of the Catacombs. Bishops of the Northeast.

Introdução

Ao longo do Concílio Vaticano II, surgiram diversas redes de articulação, entre elas o chamado Grupo da Igreja dos Pobres, que teve origem ainda na primeira sessão conciliar. Seu objetivo era fazer com que a evangelização dos pobres ganhasse destaque

* Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado, também, em Teologia pela Faculdade João Paulo II de Marília-SP. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

nas discussões do Concílio e gerasse efeitos práticos na vida da Igreja. Embora os membros do Grupo Igreja dos Pobres tenham se esforçado e trabalhado intensamente buscando alcançar o objetivo do ser deste grupo, eles não conseguiram obter status oficial, o que não impediu que seus membros continuassem a se debruçar sobre as mais diferentes questões e problemáticas referentes aos mais pobres e coroassem seus esforços com a celebração de uma missa, no dia 16 de novembro de 1965 nas catacumbas de Santa Domitila e na mesma selassem um acordo que representou um compromisso efetivo com os mais pobres. Este acordo selado por Bispos do mundo inteiro ficou conhecido como Pacto das Catacumbas. Por meio dos seus 13 pontos, este Pacto tornou-se um convite à conversão pastoral, pessoal e eclesial.

1 O VATICANO II E O GRUPO IGREJA DOS POBRES

No interior do Vaticano II havia Bispos, Peritos e convidados do mundo todo, muitos dos quais já chegaram ao Concílio organizados em redes oficiais de articulações a nível nacional e até mesmo internacional, entre as quais podemos destacar: A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e outras tantas conferências episcopais espalhadas pelo mundo; O Conselho Episcopal Latino Americano; A rede de Bispos ligados aos movimentos leigos, além das Ordens e Congregações Religiosas.

Ao longo do Vaticano II tivemos o surgimento de novas redes de articulações e de convergências nas quais tínhamos as mais diversas experiências de intercâmbio cultural, bem como distintas visões pastorais, eclesiológicas e doutrinárias, o que favoreceu o estudo, o diálogo e articulação de meios para que as aspirações de seus membros fossem acolhidas pelo Concílio. Isso era muito importante para estes grupos, considerando que eles não eram oficiais e assim funcionavam à margem do Concílio e como tal se fazia necessário o desenvolvimento de boas estratégias para que as suas perspectivas fossem ouvidas e incorporadas pelo Vaticano II.

O Grupo da Igreja dos Pobres, nasceu ainda na primeira sessão do Concílio, seu objetivo ficou claro na sua primeira reunião, como observou Domezi (2014, p.28): “Já na primeira reunião, em 26 de outubro de 1962, fixou-se o objetivo, através da fala do Cardeal Gerlier: fazer com que os problemas da evangelização dos pobres e do apostolado no meio operário estivesse no centro das preocupações conciliares.”.

Ao buscarmos elaborar hipóteses, que podem nos ajudar a compreender as motivações que levaram a formação deste grupo, temos entre elas o apelo feito por João

XXIII em carta enviada ao mundo no dia 11 de setembro de 1962, pouco tempo antes da abertura do Concílio. Nesta mensagem ele afirma que: “A Igreja se apresenta e quer ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres” (Aquino Júnior, 2021, p.51). Mediante tal pedido, os participantes do Concílio, que partilhavam deste pensamento, viram no mesmo mais que um rogo do papa, viram nele uma oportunidade para buscarem direcionar o concílio para a causa dos mais pobres. Autores como Arntz (In. Pikasa; Silva, 2015, p.98) reforça esta hipótese ao afirmar: “João XXIII, com a sua alocução radiofônica, precisamente quatro semanas antes da abertura do Concílio Vaticano II, deu um impulso decisivo para a formação do grupo <<Igreja dos Pobres>>.” Outro autor que reforça esta hipótese é Barsonsell (In. Pikasa; Silva, 2015, p.70) ao afirmar:

No início da primeira sessão conciliar tinha-se formado um grupo de trabalho, largamente internacional, composto por cerca de cinquenta bispos e trinta peritos interessados no problema da pobreza – cada um à sua maneira, segundo o respetivo ambiente geográfico e apostólico. O grupo denominou-se <<Igreja dos Pobres>>, inspirando-se no parágrafo da mensagem difundida pelo Papa João XXIII, um mês antes do início do Concílio, em que tinha utilizado essa expressão. Essa rádio mensagem de João XXIII foi fundamental para o grupo.

Brighenti (2016, p.86) também corrobora com esta hipótese afirmando:

João XXIII queria que o ideal de uma “Igreja pobre e para os pobres” fosse uma ótica estruturante do Concílio Vaticano II como um todo (...) o apelo do papa encontrou eco em bom número de padres conciliares, entre eles o Cardeal Lercaro, de Bolonha. Já na Primeira Sessão constituiu-se em torno dele um grupo de trabalho denominado “Igreja dos Pobres”. Inicialmente, eram onze bispos predominante de língua francesa e nove bispos brasileiros, entre os quais Dom Helder Camara. Pouco depois, o grupo chegou a trinta seis, entre eles o Patriarca Maximo IV e dezesseis bispos brasileiros. Ao final do Concílio, o grupo tinha trinta e nove membros, dentre os quais vinte eram latino-americanos.

Embora Brighenti, demonstre que o grupo da Igreja dos Pobres tenha se constituído em torno do Cardeal Lercaro, esta concepção não é unânime entre os estudiosos. Beozzo (2015), por exemplo, possui uma concepção diferente. Este autor nos mostra que este grupo foi constituído por Paul Gauthier e Marie-Thérèse Lescase, que estavam no conclave a convite do bispo da Igreja Melquita, Mons. Hakim, que desde o início do Concílio buscavam encontrar Padres Conciliares dispostos a abraçar o projeto de uma Igreja servidora e pobre para os pobres.

Mas por qual motivo afirma-se que o Grupo da Igreja dos Pobres se constituiu em torno do Cardeal de Bolonha? Que de acordo com Barnosell (In. Pikasa; Silva, 2015, p.75) teria sido representado no grupo por um padre de sua diocese: “Lercaro, o Padre Conciliar mais importante no que diz respeito ao tema da pobreza no Vaticano II, fazia-se representar no grupo pelo teólogo e conselheiro pessoal Giuseppe Dossett.” Tal atribuição pode ser o resultado de uma série de fatores, entre os quais podemos destacar a forte influência e visibilidade adquirida pelo Cardeal Lercaro junto à Cúria Romana e entre seus pares presentes no Concílio, afinal de contas ele era um dos quatro moderadores do Vaticano II. Outro fator que pode ser visto como causa para tal atribuição a sua pessoa, foi uma intervenção feita por ele durante a 2ª Sessão do Concílio. O Cardeal interveio no dia 6 de dezembro de 1962, quando na aula conciliar se discutia sobre o esquema da Igreja e ele de forma veemente afirmou que havia chegado a hora dos pobres e que era preciso que a problemática da pobreza fosse assumida como tema central do Concílio, como observou Beozzo (2015, p12):

Lercaro interveio na Aula Conciliar no dia 6 de dezembro de 1962. Disse que o Concílio necessitava de um princípio unificador e vivificador, e que esse devia consistir no reconhecimento de que “esta era a hora dos pobres, dos milhões de pobres que se encontram por toda a face da terra, esta é a hora do mistério da Igreja, mãe dos pobres, esta é a hora do Cristo, sobretudo no pobre”. Pedia que a problemática da pobreza fosse assumida como tema central e hegemônico do Concílio. Que não fosse um entre os muitos temas já enunciados, mas sim “o único tema de todo o Vaticano II”.

Nesta mesma direção Bettazzi (In. Pikasa; Silva, 2015, p.24,25) afirma:

O cardeal Lercaro pedia não tanto que a evangelização dos pobres fosse incluída como tema adicional do Concílio, mas iluminasse a abordagem dos vários assuntos de que o próprio Concílio tratasse. Em suma, pedia que se elaborasse a doutrina evangélica da santa pobreza de Cristo na Igreja, que se sublinhasse a eminente dignidade dos pobres, enquanto membros privilegiados da Igreja, que se trouxesse à luz a ligação ontológica entre a presença de Cristo nos pobres e as outras duas realidades mais profundas do mistério de Cristo na Igreja (isto é, a presença de Cristo na ação eucarística e na sagrada hierarquia), pedindo também que, inclísse na elaboração dos esquemas sobre a reforma das instituições eclesiais e dos métodos de evangelização, encontrasse lugar e fosse posta em destaque a ligação histórica entre o reconhecimento leal e ativo da eminente dignidade dos pobres no Reino de Deus e na Igreja, e nossa capacidade de discernir os obstáculos, as possibilidades e os métodos de adequação das instituições eclesiais.

Por este firme posicionamento em defesa de uma Igreja pobre, o Cardeal Lercaro foi se tornando um dos principais nomes do grupo Igreja dos Pobres, o que acabou fazendo com que muitos passassem a identificá-lo como o articulador deste grupo. Tal atribuição também se deve a sua proeminência junto à Cúria Romana e aos seus pares. A presença do cardeal Lercaro neste grupo era de suma importância, pois dava respaldo e legitimação as ações do grupo, considerando que embora o mesmo reunisse um significativo número de Bispos, ele não conseguiu alcançar status oficial no âmbito do Concílio, tal como observou Domezi (2014, p.29): “Embora contasse com as intervenções do Cardeal Lercaro na aula conciliar, a rede Igreja dos Pobres nunca teve *status* oficial no âmbito do Concílio.”.

Ao verificarmos as ações de Paul Gauthier junto aos que estavam presentes no Concílio, podemos afirmar que ele teve um papel fundamental para a constituição do Grupo Igreja dos Pobres. Diante dos esforços de Guathier, podemos lançar a nossa segunda hipótese: A criação deste grupo foi fruto dos esforços deste homem que estava no Concílio buscando conscientizar os seus membros acerca da problemática dos pobres. Arntz (In. Pikasa; Silva, 2015, p.99) corrobora para a sustentação desta hipótese ao afirmar:

Um impulso para a formação do grupo veio de Nazaré. Antes da primeira sessão conciliar, Paul Gauthier, antigo professor no Seminário de Dijon (França), e agora trabalhador em Nazaré, juntamente com a <<Irmandade dos Companheiros do Carpinteiro Jesus de Nazaré>>, fundada por ele, enviou um escrito ao Papa e a todos os Padres conciliares. No documento, intitulado <<Jesus, a Igreja e os Pobres>>, apoiados pelo arcebispo Hakim de Nazaré e pelo bispo belga Himmer, fazia-se aos bispos o pedido de

<<terem em conta, sob o impulso do Espírito Santo, a relação de amor que liga a Igreja aos pobres [...] os quais são equiparados a Jesus. Os homens, que hoje olham para a Igreja, reconhecem assim Jesus de Nazaré, o Carpinteiro>>.

O grupo de Nazaré conseguiu inspirar um grande grupo de bispos e conselheiros do Concílio.

Ulteriormente, juntaram-se, ao grupo <<Igreja dos pobres>>, bispo que se contavam entre os simpatizantes dos Irmãozinhos de Jesus de Charles de Foucauld, e ainda bispos abertos ao movimento dos Padres Operários e bispos do então chamado <<Terceiro Mundo>>, profundamente sensibilizados na eliminação da miséria.

Outro autor que demonstra o papel fundamental de Paul Gauthier no processo que culminou com a formação do Grupo Igreja dos Pobres, é Barnosell (In. Pikasa; Silva, 2015, p.73):

Paul Gauthier esteve presente em Roma durante o Concílio, juntamente com um pequeno grupo da sua comunidade. Estes sublinhavam que os pobres podem tomar consciência dos seus direitos e da sua libertação através da sua fé espiritual. Adotaram o nome de <<Evangelho libertador>>, referindo-se assim tanto ao tema como ao movimento a que tinham aderido. Em Roma, graças às atividades de Gauthier, essa experiência encontrou eco em numerosos bispos preocupados com a necessidade de uma Igreja próxima dos pobres e, ao mesmo tempo, mais pobres. Seria esse grupo chamado <<Igreja dos pobres>>.

Domezi (2014, p.29) também demonstra a importância dos esforços de Gauthier: “No Concílio, Gauthier conseguiu sensibilizar um segmento importante de bispos e peritos, inclusive o sacerdote dominicano Yves Congar, que havia escrito o livro *Pour une Église servante et pauvre* (Para uma Igreja servidora e pobre).

Outra hipótese, que pode ser apontada para o surgimento do grupo Igreja dos Pobres, é que muitos Padres Conciliares já chegaram ao Concílio com uma consciência ativa sobre a conjuntura na qual estavam inseridos e sobre a necessidade de ouvir e de ir ao encontro dos mais pobres. Outros, no entanto foram tomando esta consciência de forma progressiva ao longo das discussões no interior do grupo e do contato com as realidades das quais eram filhos. Neste sentido, Costa (2013, p.653) afirma:

A opção pelos pobres não é uma novidade na Igreja (...) No período que vai do fim do pontificado de Pio XII aos primeiros anos do pontificado de João XXIII, a Igreja viu surgir alguns sinais de um movimento que, inspirado no Evangelho, buscava recolocar no centro de sua missão a figura do pobre. Um desses sinais foi o surgimento dos “padres operários”, na França, apoiados pelo cardeal arcebispo de Paris. Um grande impulso, no Brasil veio da Ação Católica, através de suas subdivisões (JOC, JUC, JAC etc), estes movimentos de jovens leigos católicos, sob a orientação da Igreja, contribuíram para o despertar da consciência social de vários pastores (...)

Ainda no campo das hipóteses acerca da criação do Grupo Igreja dos pobres, podemos afirmar que ele foi o resultado da articulação e junção direta de todas as hipóteses vistas anteriormente.

Embora o grupo da Igreja dos Pobres fosse composto por Padres Conciliares que desejavam uma Igreja mais pobre e servidora, em seu interior coexistiam diferentes

tendências e maneiras de se enxergar e de viver a pobreza, contudo mantiveram-se unidos tal como observou Pereira (2008, p.26):

Apesar da divergência de visões sobre a pobreza, o grupo se manteve unido. Cada um via pobreza de acordo com a realidade na qual estava inserido. Um dos segmentos do grupo era formado por praticantes da espiritualidade de Charles de Foucauld, na qual a centralidade era o escondimento e o completo abandono de si mesmo nas mãos de Deus ao serviço dos mais pobres e humildes. (...) também havia um segmento mais dedicado à doutrina e à política. Outro segmento, que tinha D. Helder Câmara como liderança, era o dos terceiro-mundistas, que viam a pobreza como fruto da injustiça; por isso denunciavam as causas do subdesenvolvimento e queriam o desenvolvimento a partir de uma ética cristã. Os pobres eram vistos como sujeitos e a Igreja deveria acompanhá-los em suas lutas de libertação.

Embora o Grupo da Igreja dos Pobres não tenha obtido status oficial no Concílio, nem tenha conseguido constituir um secretariado dedicado à pobreza, como desejava, é possível notar a influência deste grupo em alguns documentos conciliares, tais como na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Ao lermos o número 8 desta constituição é possível perceber a influência deste grupo, bem como uma legitimação para a sua atuação e posteriormente para o Pacto das Catacumbas, acordo selado entre os participantes deste grupo:

(...) Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus, “como subsistisse na condição de Deus, despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Filip 1,6) e por nossa causa “fez-se pobre embora fosse rico” (2 Cor 8,9): da mesma maneira a Igreja, embora necessite dos bens humanos para executar sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também pelo seu próprio exemplo, a humildade e a abnegação. Cristo foi enviado pelo Pai para “evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração” (Lc 4,18), “procurar e salvar o que tinha perecido” (Lc 19,10): semelhantemente a Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e nêles procurar servir a Cristo. (LG 8).

Ao lermos a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* também é possível identificarmos a influência do Grupo Igreja dos pobres. No número 1 desta constituição vemos: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças,

as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo.” No número 4 desta constituição, vemos uma consciência ativa acerca das desigualdades tão comuns em nosso mundo que contrasta com o desenvolvimento pelo qual ele vem passando: “O gênero humano nunca dispôs de tantas riquezas, possibilidades e poder econômico. No entanto, ainda uma parte considerável dos habitantes da terra padece fome e miséria e inúmeros são analfabetos.” Vemos assim claramente, que o Grupo Igreja dos Pobres, mesmo que de maneira informal contribuiu para que os Padres Conciliares tomassem consciência dos inúmeros problemas que afligiam os mais pobres e desta maneira tomassem os mesmos como problemas da Igreja.

O trabalho e esforços do Grupo da Igreja dos Pobres não desapareceu com o encerramento do Concílio, considerando que ao final da 4ª Sessão, mais precisamente no dia 16 de novembro de 1965, cerca de 42 Bispos de diferentes localidades do mundo, celebraram a Eucaristia nas catacumbas de Santa Domitila e lá estes prelados assinaram um pacto, que evidenciou o seu comprometimento efetivo com os mais pobres.

Embora o grupo da Igreja dos Pobres não tenha conseguido colocar em prática o seu projeto, os seus integrantes foram profundamente tocados por este tema e ao voltarem para as suas dioceses de origem, além de buscarem implementar as diretrizes conciliares, buscaram efetivar os 13 pontos do Pacto das Catacumbas, por meio do qual “assumem abertamente uma responsabilidade e uma missão que brota do seu compromisso pastoral, à luz da tradição católica, citando expressamente a Bíblia, sobre a qual fundam cada um dos seus compromissos” (PIKAZA, 2014, p.38).

2 O PACTO DAS CATACUMBAS E A SUA INFLUÊNCIA NO PASTOREIO DOS BISPOS DO NORDESTE

O Concílio Ecumênico Vaticano II, demonstrou, por meio da Constituição *Lumen Gentium*, que a Igreja é sacramento e sinal de Deus no mundo, referindo-se a missão desta importante instituição, esse documento nos mostra que a Igreja está diretamente vinculada e é realizada no mundo e na história dos homens e envolve todas as dimensões da vida, portanto, fica evidente que a Igreja se preocupa com a totalidade da vida dos homens, como tal, ela não pode ser indiferente aos diversos clamores do povo.

A Igreja como sacramento e sinal de Deus no mundo, deve buscar o bem de todos, assumindo para si, como afirma a Constituição *Gaudium et Spes*: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de

todos os que sofrem.” Como filhos da Igreja e fiéis a sua Tradição e Magistério, os Bispos do Nordeste signatários do Pacto das Catacumbas não ficaram indiferentes à missão da Igreja e assumiram em seu pastoreio o cuidado integral com o homem, sobretudo, com os mais pobres e vulneráveis da sociedade, passando assim a caminharem juntos, dividindo as alegrias, as esperanças e sobretudo as dores e as tristezas do dia a dia, buscando a sua superação.

Como acabamos de ver, a Igreja Católica é uma instituição cuja missão não ocorre de forma desvinculada da realidade humana. Assim, ao longo dos séculos, a Igreja atuou nas mais diferentes conjunturas. Neste sentido Koppenburg (1971, p.11) afirma: “A Igreja é peregrina, colocada na história, e, como tal, inevitavelmente e profundamente marcada e condicionada pelos acontecimentos”. Nesta mesma direção a Constituição *Gaudium et Spes* em seu número 4, afirma:

A Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas é necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática. (GS 4).

A Igreja não é uma instituição parada em si mesma, ela é dinâmica e interage com o ambiente no qual ela está inserida e assim acaba influenciando e sendo influenciada pelas mais diferentes conjunturas. Seus membros foram e continuam sendo guiados pelo Espírito Santo para ouvirem e discernirem os sinais dos tempos e assim conseguirem atuar em diferentes situações e oferecerem respostas para as mais complexas problemáticas que porventura possam aparecer.

Ao longo da história, vários são os exemplos que ilustram como as circunstâncias influenciaram o caminhar da Igreja. Kloppenburg (1971, p.11) nos oferece um exemplo que nos ajuda a notar tal fenômeno: “A situação e as contingências históricas do século XVI forçaram a Igreja, no Concílio de Trento, a tomar uma enérgica e clara posição contra as inovações doutrinárias e protestantes”. Vemos assim, que o contexto histórico pode determinar o comportamento e ação da Igreja frente a certas situações e necessidades de preservação de sua mensagem e crença.

Se no contexto tridentino as “circunstâncias obrigaram a Igreja de então a sublinhar palavras como Tradição, Hierarquia, Obediência, Sujeição, Sacramentos,

Indulgências, Purgatório etc” (Kloppenburg 1971, p.17), por sua vez, o contexto histórico no qual os Bispos do Nordeste, signatários do Pacto das Catacumbas, estavam inseridos os impeliram a utilizarem conceitos como: Justiça Social, Fraternidade, Direitos Humanos e a denunciarem a fome e a opressão e tantas outras situações que feriam a dignidade humana naquela região. Os mesmos foram legitimados e incentivados pelo Vaticano II, Concílio “com novos acentos e novas palavras sublinhadas” (Kloppenburg 1971, p.17) e que “teve a coragem de pronunciar a palavra “justiça” – palavra proibida pelas elites dominantes na América Latina e no mundo inteiro” (Comblin 2008, p.9).

Os Bispos do Nordeste que assinaram o Pacto das Catacumbas, estão inseridos em “uma safra” de bispos que segundo Comblin (2008, p.203) “foram verdadeiros profetas e tiraram a Igreja de sua inércia de colônia para lançá-la a uma vida ativa. (...) Foram bispos profetas que despertaram uma Igreja sonolenta e fizeram com que ela encontrasse de novo o caminho do evangelho.”. Estes homens fizeram do Pacto das Catacumbas uma regra de vida e guiados pelo Espírito Santo e atentos as circunstâncias históricas e sociais daquela região e de seu povo, tornaram-se profetas e assim enfrentaram a pobreza e as desigualdades sociais. Ao verificarmos o pastoreio destes homens notamos que a definição de profeta, dada por Comblin (2008, p.11,12,13) se encaixa no perfil e na missão desenvolvida por estes Prelados:

O profeta possui sensibilidade para perceber o que está acontecendo e o sentido dos acontecimentos, onde está o pecado e por onde vem a salvação aqui e agora.

O profeta dirige-se ao povo. A sua ação e sua palavra são atos públicos.

O profeta dirige-se ao mesmo tempo aos chefes do povo, àqueles que detêm o poder, justa ou injustamente, e também ao povo em geral.

O profeta denuncia também a corrupção dos dirigentes do povo que abusam do seu poder para corromper o próprio povo. O profeta prega a conversão total das pessoas e da sociedade nas suas estruturas.

Por isso, o profeta é perseguido, denunciado, maltratado, afastado do povo e até morto.

Cinco foram os Bispos do Nordeste que assinaram o Pacto das Catacumbas e fizeram do mesmo uma bússola em seu pastoreio e passaram a buscar uma Igreja pobre e para os pobres, vejamos agora quem eram e como este pacto influenciou a vida e o ministério destes homens.

2.1 Dom Helder Pessoa Câmara

É tarefa quase impossível estudar a história da Igreja no Brasil Republicano e não se deparar com a figura de Dom Helder Pessoa Câmara (1909-1999), homem que em virtude de sua intensa atuação em prol do desenvolvimento institucional da Igreja e por seus esforços em favor dos mais necessitados e perseguidos da sociedade, é considerado por muitos como um dos protagonistas do catolicismo brasileiro no século XX, tal como observou Araújo (2012, p.21): “Dom Helder é considerado um dos grandes protagonistas da Igreja católica no século XX. Tem uma participação significativa na história da Igreja no Brasil desde 1940, na história da América desde 1955 e na história da Igreja católica desde o Vaticano II.” Outro autor que mostra a importância de Dom Helder Câmara, é Comblin (2008, 47) ao afirmar: “Dom Helder (...) havia sido o grande profeta da América Latina por pelo menos trinta anos.” Dom Helder é considerado um dos bispos mais atuantes no Concílio Vaticano II, mesmo que nunca tenha feito um pronunciamento na Basílica de São Pedro, como observou Araújo (2012, p.102):

Apesar de não ter feito nenhum pronunciamento na Basílica de São Pedro, onde se desenvolviam os plenários conciliares, Helder foi um dos bispos mais atuantes nos bastidores do Concílio. Atuou nos grupos *Domus Mariae e Igreja dos Pobres* e através de seus pronunciamentos, nos quais buscava dialogar e refletir sobre os problemas e desafios da Igreja visando a sua renovação e inserção no mundo moderno.

Como podemos ver, Dom Helder ao longo do Concílio foi um homem dos bastidores, que por meio de seus esforços conseguiu movimentar muitos membros do episcopado em torno da questão dos pobres e acabou alcançando alguns êxitos, como nos mostra Broucker (2009, p.44): “O concílio lhe deve “os raros esforços, da parte da Igreja, para melhorar as relações com a imprensa”, e o grupo da Igreja dos pobres, a iniciativa de solicitar a criação de um novo secretariado “para os problemas do mundo contemporâneo”.

A história de Dom Helder Câmara registra vários momentos nos quais é possível ver a sua preocupação com os mais pobres. Ainda no Rio de Janeiro, ele desenvolveu a chamada Cruzada São Sebastião, o Banco da Providência e a Comunidade de Emaús. Contudo, a preocupação com os mais pobres e excluídos da sociedade passou a ter lugar central em sua vida e em seu pastoreio a partir do Vaticano II e do Pacto das Catacumbas, ambos representaram em sua vida um momento chave.

Ao direcionarmos o nosso olhar para a Arquidiocese de Olinda e Recife, da qual Dom Helder foi pastor, iremos notar que desde o momento em que ele colocou os pés

naquela Igreja particular, ele mostrou a todos o seu compromisso com o Evangelho, com a Tradição e com o Magistério da Igreja, e assim, ele se fez um pastor junto de suas ovelhas, partilhando com elas alegrias, sofrimentos, esperanças e buscou colocar em prática as diretrizes conciliares, mesmo sendo mal interpretado e sofrendo as mais variadas ameaças e humilhações.

Vários são os eventos na vida de Dom Helder que mostram o quanto o Pacto das Catacumbas foi incorporado em sua vida e em sua missão de pastor, desde a sua defesa aos direitos humanos e luta contra o regime militar, como também a sua denúncia internacional por meio da qual afirmou que no Brasil havia a prática da tortura, o protagonismo dos leigos em sua arquidiocese, adotou uma vida pobre e condizente com a sua opção, que lhe fez abandonar o palácio episcopal e ir morar nos fundos da Capela Nossa Senhora da Assunção, também conhecida como Igreja das Fronteiras.

Ao optar pelos mais pobres e por sua libertação, Dom Helder passou a ser perseguido, caluniado e taxado de comunista. Para agravar ainda mais a situação passou a ser um dos alvos mais frequentes de ataque e ameaças diretas e indiretas, sendo o caso mais grave a execução de um dos seus assessores, o Padre Antônio Henrique Pereira Neto. Vemos assim, o quanto a sua opção de vida lhe custou caro, mas ele não a abandonou.

2.2 Dom Antônio Batista Fragoso

Outro Bispo que teve seu pastoreio profundamente marcado pelo Vaticano II e pelo Pacto das Catacumbas foi Dom Antônio Batista Fragoso (1920-2006), homem revestido de coragem e de clareza profética, que soube buscar aplicar na Diocese de Crateús, da qual foi seu primeiro Bispo, as diretrizes conciliares e os 13 pontos do Pacto assinado por ele na última sessão do Concílio. Dom Fragoso, soube se fazer presente e ativo na vida do povo de Crateús, região considerada como a mais pobre do sertão nordestino.

Dom Fragoso, assim, como Dom Helder, também participou do Grupo Igreja dos Pobres e ao longo do Concílio foi tomando cada vez mais consciência da importância e da necessidade da presença da Igreja junto aos mais pobres. Beozzo (2001, p.159), observa que ao longo do Vaticano II Dom Fragoso fez uma importante descoberta que o impactou profundamente:

Mas D. Fragoso fez também uma dura descoberta: “[O concílio] permitiu-me descobrir (a releitura foi feita depois) que os pobres não estavam no coração e no horizonte dos bispos. Por isso, o Concílio não deu maior atenção ao tema. O Concílio permitiu-me sair daquele pessimismo sobre a natureza e dar-me alegria, mas não vi se reconciliando com os pobres” (BEOZZO, 2001, p.159).

Embora, Dom Fragoso considere que o Concílio não se reconciliou com os pobres, o mesmo não aconteceu em sua diocese, considerando que a opção pelos mais pobres marcou a concepção da Igreja em sua diocese, como observou Libanio (2005, p.18):

Na década de 1980, visitei com certo vagar a Igreja de Crateús, e percebi nela sinais da nova eclesiologia. A opção pelos pobres marcava a concepção da igreja, as instituições da diocese e as pastorais. Era o pólo em torno do qual girava a vida eclesial. A pessoa do bispo, os ministros ordenados, os agentes de pastoral, os coordenadores, os monitores, enfim, toda pessoa que exercia algum ministério, foram assumindo lenta mas coerentemente a opção pelos pobres.

Vemos assim claramente o quanto o Pacto das Catacumbas produziu efeitos concretos na vida e na diocese governada por Dom Fragoso, onde os pobres não eram meros receptores da ação da Igreja. Eles trabalhavam em comunhão com ela na busca de melhores condições de vida e de emancipação. Embora, a Diocese disponibilizasse de poucos recursos, ela investiu pesado na formação e no acompanhamento de lideranças católicas e do povo simples, como observou Libanio (2005, p.21):

Apesar da pobreza de meios, a diocese investiu muito na formação do pessoal, com semanas catequéticas, cursos, palestras, orientação sindical. Muitos teólogos de peso do Brasil passaram por Crateús deixando sua parcela de colaboração.

As ações de Dom Fragoso em prol da emancipação do povo de sua diocese, como era de se esperar, não foram vistas com bons olhos pelas elites locais que desejavam que o povo continuasse em estado de letargia, sendo dominado e explorado. Assim, logo surgiram ondas de retaliações a Dom Fragoso e ao projeto eclesiológico vivido em Crateús. Neste sentido Libanio (2005, p.21) afirma:

Coroando-lhe o evangelismo vieram as perseguições. Por onze anos a diocese foi proibida de ter acesso à rádio Educadora. O bispo também não pode falar na rádio. A elite local percebeu que a visão de sociedade e de Igreja ia se configurando numa linha diferente da sua expectativa. Partia-se de outro ponto e atuava-se com outra pedagogia. Ouvia-se, em primeiro lugar, o povo simples. Daí vinham as instituições e as linhas mestras a ser implementadas. E a pedagogia passava também pela

conscientização e promoção humana, diferente de qualquer paternalismo.

Apesar de todas as perseguições, Dom Fragoso e sua diocese foram terrenos férteis nos quais o Pacto das Catacumbas e as diretrizes conciliares conseguiram produzir diversos frutos de vida.

2.3 Dom Luiz Gonzaga Fernandes

Ao falarmos sobre os bispos que verdadeiramente incorporaram o Pacto das Catacumbas em suas vidas e em seu ministério episcopal não poderíamos deixar de falar sobre Dom Luiz Gonzaga Fernandes, homem de origem simples que soube motivar a organização do povo e a sua participação ativa na vida da Igreja, sendo ele um dos grandes animadores e responsáveis pela difusão das chamadas Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs).

Ao verificarmos de mais perto a história de Dom Luiz, iremos notar que ele foi sagrado Bispo aos 39 anos de idade, durante a última sessão do Vaticano II, mais precisamente no dia 5 de dezembro de 1965, três dias antes do Concílio terminar. Desta maneira ele foi o último bispo a se juntar a este importante evento para a história do Cristianismo.

Embora Dom Luiz tenha sido um “bispo de última hora” no Concílio, ele foi profundamente marcado pelo processo de renovação advindo do Vaticano II, bem como pelo Pacto das Catacumbas do qual ele é signatário. Após sua ordenação episcopal, Dom Luiz foi nomeado bispo auxiliar na Arquidiocese de Vitória – ES e lá iniciou um importante e intenso trabalho para difundir as diretrizes conciliares, bem como deu início a sua vivência do Pacto assinado por ele.

Buscando difundir e popularizar as diretrizes conciliares, Dom Luiz elaborou um livro no qual era possível encontrar as principais conclusões do concílio. Baseado neste livro tivemos a realização dos chamados “concilinhos”, por meio do quais buscava-se estudar e conhecer mais a fundo as conclusões conciliares e suas perspectivas. Nesta direção Daniel (2006, p.22) observou:

Com o apoio de Dom João, Dom Luiz elaborou um livreto com as principais conclusões do Vaticano II. Com base nesse texto passaram a ser realizados encontros regionais (os chamados “concilinhos”) com a proposta de promover a “mentalização” das ideias do Concílio.

Surgiram, na mesma época, as missões de férias para seminaristas, padres e freiras, com a finalidade de organizar grupos que pudessem conscientizar a população sobre como deveria ser a Igreja a partir do Vaticano II, além de auxiliar as Igrejas que estavam surgindo.

Vemos assim, o quanto a iniciativa de Dom Luiz em prol da “popularização” das conclusões do Concílio foi frutífera e acabou tendo desdobramentos eclesiológicos na Arquidiocese de Vitória. Verificamos também o quanto Dom Luiz estava comprometido com o processo de renovação da Igreja. Ainda como Bispo de Vitória, ele atuou intensamente para a formação das chamadas Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs).

Após anos de intenso trabalho como Bispo auxiliar na Arquidiocese de Vitória, Dom Luiz acabou sendo transferido no ano de 1981 para a Diocese de Campina Grande – PB. O pastoreio de Dom Luíz deu nova ênfase aos trabalhos aos pastorais desenvolvidos pela Diocese de Campina Grande.

Em Campina Grande, Dom Luíz de forma profética continuou o seu esforço pela efetivação das diretrizes conciliares e pela vivência do Pacto das Catacumbas, o que fez com que toda a sua Diocese assumisse a causa dos mais empobrecidos. Com a chegada de Dom Luíz, a condição dos mais pobres passou por uma significativa ressignificação, considerando que agora a Igreja deixou de se identificar como tutora e passou a ser irmã de caminhada e parceira no processo de libertação dos mais pobres. Viana (2009, p.28,29) nos ajuda a perceber isso:

O compromisso da Igreja de Campina Grande com os empobrecidos se dá muito mais no jeito, na pedagogia evangelizadora, ajudando-o a ser o sujeito de sua libertação.

A Igreja de Campina Grande vai gradativamente, a partir da chegada do Dom Luíz, saindo de sua postura de tutora dos pobres para ser solidária com seus esforços na sua luta contra tudo aquilo que os asfixia e os relega à subsistência.

Dom Luís Fernandes, foi sem dúvidas um Bispo que soube ser próximo do seu povo, homem capaz de ouvir e se fazer presente na vida dos mais pobres. Ao buscarmos pensar a vida e o pastoreio de Dom Luiz não podemos deixar de notar o quanto o Pacto das Catacumbas foi determinante para que ele conseguisse ser um Bispo efetivamente preocupado com o seu povo, engajado com a sua a vida e com a sua libertação.

2.4 Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho

Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho (1934-2006), assim como os outros Bispos que já vimos, soube encarnar em sua vida e em seu pastoreio as diretrizes conciliares e o Pacto das Catacumbas. Dom Francisco foi Bispo da Diocese de Afogados da Ingazeira – PE e à frente desta Igreja, ele dedicou a sua vida e seu ministério ao povo mais simples do Vale do Pajeú.

Dom Francisco, também chamado por muitos de “Profeta do Pajeú”, soube ouvir e discernir os sinais dos tempos e desta maneira atuou na busca do bem do povo a ele confiado. Buscando alcançar tal missão, ele constantemente mobilizava os diferentes setores da Igreja e da sociedade em busca de melhorias na infra-estrutura para a região do Pajeú e por consequência para os seus habitantes.

Dom Francisco, desde os primeiros momentos de sua atividade pastoral frente à Igreja de Afogados da Ingazeira, sempre manifestou uma lúcida visão social e política da conjuntura na qual estava inserido e logo percebeu a importância da conscientização e da mobilização dos camponeses e para tal incentivou o Movimento de Educação de Base (MEB) e as Escolas Radiofônicas.

Dom Francisco também foi um grande incentivador da articulação sindical dos trabalhadores rurais, estando sempre presente no meio do povo mais simples e impellido por sua coragem profética e motivado pelas diretrizes conciliares e pelo Pacto das Catacumbas, tomou parte na luta do povo e não se calou diante das mais variadas injustiças das quais o seu povo era vítima.

2.5 Dom José Maria Pires

Para Beozzo (2015) Dom José Maria Pires (1919-2017) integrou com entusiasmo o Pacto das Catacumbas e o vivenciou, contudo, Pereira (2006 p.63) afirma que ele não participou deste importante Pacto: “Dom José não fez parte desse *pacto*, mas conheceu as cláusulas presente nesse juramento e viveu com fidelidade as propostas presentes no concílio e nesse ritual simbólico, tanto em Araçuaí, quanto, posteriormente, na Paraíba”. Embora haja discordância entre os dois autores, percebemos que Dom José Maria Pires foi profundamente marcado pelo Pacto e assim como os Bispos vistos anteriormente, fez dele um norte para a sua vida e para a sua missão.

Dom José Maria Pires em seu ministério episcopal à frente da Arquidiocese de João Pessoa claramente optou preferencialmente pelos mais pobres. Um dos exemplos que podemos utilizar para expressar tal predileção foi a criação de uma comissão

permanente chamada: “Ação Pastoral Arquidiocesana”(APA) que possuía dois segmentos, como observou Pereira (2006, p.111):

Em 1967, Dom José criou uma comissão permanente chamada de Ação Pastoral Arquidiocesana (APA). Essa comissão possuía dois segmentos: um voltado para a *pastoral geral*, cujos destinatários eram as paróquias, e outra chamada de *pastoral especial*, que compreendia quatro grupos: os //camponeses, os operários, os jovens e os pescadores. A criação da APA e sua ação junto a esses quatro grupos revelaram uma clara opção do líder religioso pelas camadas mais populares. (...) Dom José intuía, com as perspectivas do Concílio Vaticano II e a inovação nas práticas pastorais no Brasil, que era necessário focar a atuação em destinatários que estavam esquecidos pela Igreja e, principalmente, por sua hierarquia.

A criação da Ação Pastoral Arquidiocesana nos mostra o quanto Dom José Maria Pires buscou estruturar a Igreja Particular a ele confiada em consonância com o Vaticano II e por consequência com o Pacto das Catacumbas, o que fez com que essa Igreja buscasse diferentes formas de atuar em prol dos mais pobres, tentando assim restituir a dignidade a muitos filhos de Deus. Como era de se esperar, o apoio dado por Dom José Maria Pires aos trabalhadores e aos mais pobres, não foi visto com bons olhos pelas elites locais, sobretudo, o seu apoio aos Sindicatos Rurais e a conscientização dos trabalhadores. Contudo, ele não parou e em razão de todo seu trabalho tornou-se um símbolo na luta pelos Direitos Humanos no Brasil e pela promoção e inclusão dos mais pobres na sociedade e na Igreja.

Considerações finais

O Vaticano II é considerado por diferentes autores como o mais importante evento do cristianismo do século XX, sendo o mesmo responsável por introduzir a Igreja em uma nova fase de sua história, marcada pelo diálogo e pela reconciliação com a modernidade, vista por muito tempo como uma perigosa inimiga, que deveria ser temida e combatida. O Vaticano II foi também um importante elemento legitimador e impulsionador de tendências já existentes no interior da Igreja, como por exemplo, o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Ao longo do Vaticano II tivemos o surgimento e a articulação de diferentes grupos, que reuniam em suas fileiras membros das mais diferentes partes do mundo, que

possuíam posicionamentos e visões semelhantes acerca de certas questões. Entre os grupos que nasceram nos bastidores deste Concílio, temos: O Grupo da Igreja dos Pobres.

Embora este grupo contasse com figuras importantes como o Cardeal Giacomo Lercaro, Arcebispo de Bolonha e um dos quatro moderadores do Concílio, o grupo da Igreja dos Pobres não conseguiu obter status oficial no Concílio. Contudo, é possível notar a sua influência em alguns documentos conciliares, tais como na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e na Constituição *Gaudium et Spes*.

As ações e os esforços do Grupo Igreja dos Pobres não terminaram com o encerramento do Concílio, tendo em vista que ao final da sua 4ª Sessão, cerca de 42 bispos de diferentes localidades do mundo, ao celebrarem a Eucaristia nas catacumbas de Santa Domitila no dia 16 de novembro de 1965, selaram um compromisso de vida com os mais pobres, ficando o mesmo conhecido como o Pacto das Catacumbas. Os seus adeptos foram profundamente tocados pelos 13 pontos deste importante acordo, que ocasionou na vida destes homens e nas Igrejas Particulares das quais eram oriundos, um processo de conversão pessoal e comunitária que os aproximou dos mais pobres.

Entre os signatários do Pacto das Catacumbas tivemos cinco Bispos, que atuaram no Nordeste do Brasil, uma região marcada pelas mais diferentes dificuldades, entre as quais podemos destacar: A Pobreza e todas as suas consequências e a Seca fenômeno natural que penaliza inúmeros nordestinos, muitos dos quais são obrigados a deixarem sua terra natal e partirem para outras localidades do país, sobretudo para a região Sudeste.

Ao direcionarmos o nosso olhar para os cinco Bispos signatários do Pacto das Catacumbas que atuaram no Nordeste, iremos notar, que este acordo pode ser visto como elemento que influenciou diretamente o pastoreio destes homens, que seguindo uma antiga tradição da Igreja optaram preferencialmente pelos mais pobres e por tal opção acabaram pagando altos preços, mas não retrocederam em suas convicções, mesmo quando isso representava risco de morte e enfrentamento às políticas anti-evangélicas do Estado, que penalizavam sobretudo os mais pobres.

Estes homens por meio do seu pastoreio evidenciaram que embora a Igreja seja uma instituição divina, ela atua em realidades concretas, nas quais encontramos grandes quantidades de pessoas que vivem as margens da sociedade e que precisam ter sua dignidade restabelecida.

Dom Helder Pessoa Câmara, Dom Antônio Batista Fragoso, Dom Luís Gonzaga Fernandes, Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho, Dom José Maria Pires, tornaram-se dons e profetas para seu povo. Por meio do pastoreio destes Bispos, tomando

de entusiasmo e coragem a profecia encontrou no Nordeste Brasileiro um solo fértil e assim como a flor de mandacaru, ela floresceu e encheu de vida e beleza esta região tão sofrida e muitas vezes esquecida.

Que o Pacto das Catacumbas represente para nós um convite à conversão pessoal, pastoral, eclesial e assim possamos ver nos mais pobres o próprio Cristo que sofre e como o samaritano (cf. Lc 10,33) sintamos compaixão dos nossos irmãos.

Referências

ALBERIGO, Giuseppe. **Breve história do Concílio Vaticano II**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2006.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A Igreja de Jesus: Missão e constituição**. São Paulo: Paulinas, 2021.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Renovar Toda a Igreja no Evangelho: Desafios e perspectivas para a conversão pastoral na Igreja**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Igreja dos Pobres**. São Paulo: Paulinas, 2018.

ARAÚJO, Edvaldo M. **Dom Helder Camara: Profeta – peregrino e paz**. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2012.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II: terceira época: 1930-1964**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: De João XXIII e João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia (1959-1965)**. Tese (Doutorado em História Social). USP, São Paulo.

BISPOS E Superiores Religiosos do Nordeste. **Eu ouvi os clamores**. In. LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil: Hipóteses para uma interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1979.

BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. **O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulinas, 2015.

BRIGHENTI, Agenor. **O método ver-julgar-agir: Da Ação Católica à Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 2022

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016.

BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2021.

BROUCKER, José de. **As noites de um profeta: Dom Helder Câmara no Vaticano II: Leituras das circulares conciliares de Dom Helder Camara (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2008.

COMBLIN, José. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Nordeste: Desafio à Missão da Igreja no Brasil**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. Paulus: São Paulo, 1997.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. Paulus: São Paulo, 1997.

COSTA, Sandro Roberto da. O "Grupo da Igreja dos Pobres" e o "Pacto das Catacumbas": revivendo o "Pacto" nos gestos de Francisco. **Grande Sinal**, Petrópolis, v. 67, n. 6, p. 651-666 Nov/Dez. 2013.

DANIEL, Sandra. **Dom Luíz Gonzaga Fernandes**. Vitória, ES: Pro Texto Comunicação e Cultura, 2006.

DOMÉZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os pobres**. São Paulo: Paulus, 2014.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira: a visão da espionagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GAUTHIER, Paul. **O Concílio e "A Igreja dos Pobres"**. Petrópolis: Vozes, 1967.

GONZÁLES FAUS, José Ignacio. **Vigários de Cristo: os pobres na teologia e espiritualidade cristã**. Antologia comentada. São Paulo: Paulus, 1986.

GURGEL, Antonio de Pádua. **Dom Luíz Gonzaga Fernandes**. Vitória – EP: Pro Texto Comunicação e Cultura, 2006.

KLOPPENBURK, Boaventura. **A Eclesiologia do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1971.

KLOPPENBURK, Boaventura. **Concílio Vaticano II**. Vol. 1 Documento Preconciliar. Petrópolis: Vozes, 1963.

KLOPPENBURK, Boaventura. **Concílio Vaticano II**. Vol. II. Primeira Sessão. Petrópolis: Vozes, 1962.

LIBANIO, João Batista. **Igreja Contemporânea encontro com a modernidade**. São Paulo: Loyola, 2000.

LIBANIO, João Batista. In. FRAGOSO, Antônio Batista; SANTOS, Eliesio; GONCALVES; Luiz Gonzaga; et. al. **Igreja de Crateús (1964-1998): uma Experiência Popular e Libertadora**.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

O'MALLEY, John W. **História católica para a Igreja de hoje: como o nosso passado ilumina o nosso presente**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SCHALLENMUELLER, Christian Jecov. **Tradição e Profecia: O pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964)**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2011.

SOUSA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (orgs). **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2018.

PASSOS, João Décio. **Método teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

PASSOS, João Décio. **A força do passado na fraqueza do presente: O tradicionalismo e suas expressões**. São Paulo, 2020.

PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. **Em Nome de Deus, dos Pobres e da Libertação: Ação Pastoral e Política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa – PB, 2012.

PIKASA, Xabier, SILVA, José Antunes da. **O Pacto das Catacumbas: A missão dos Pobres na Igreja**. Prior Velho: Paulinas, 2015.

RENARD, A. C. **O Espírito do Concílio e a abertura da Igreja ao mundo**. Caxias do Sul: Edições Paulinas, 1968.

RIVAS GUTIERREZ, Exequiel. **De Leão XIII a João Paulo II: cem anos de doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1995.

SBARDELOTTI, Emerson; MANZATO, Antonio. Os pactos das catacumbas: herança conciliar. **Caminhos**, v. 20, n. 2, p. 78-101, 2022.

TEIXEIRA, César; SILVA, Antônio Wardison C. **Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. São Paulo, vol. 4, n.6, p. pp. 17-28. Jun/Dez, 2010,

TRIGO, Pedro. **Papa Francisco**: Expressão atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019.

VALETINI, Demétrio. **Revisar o Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus**: Processo histórico da consciência eclesial. Petrópolis: Vozes 1995.

VIANA, Rômulo Remígio. **A Igreja de Campina Grande e o compromisso com os marginalizados**. Campina Grande, Maxgraf, 2009.

Recebido em: 09/01/2025

Aprovado em: 14/06/2025